

**SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO SIGNO****MINHAS LEMBRANÇAS DE INGO VOESE***Sírio Possenti<sup>1</sup>*

Quando Ingo publicou seu livro *O movimento dos sem-terras na imprensa: um exercício de análise do discurso* (Ijuí: Editora da Unijuí, 1998), pediu-me um texto para uma orelha. O que escrevi em 1998, repetiria hoje:

Ingo Voese já fez muitas coisas na vida e, em todas elas, manifestou uma atitude que ainda é mais rara do que seria desejável: faz as coisas com gana. Quem tem o privilégio de conhecê-lo logo descobre que, com esse traço, convive a capacidade de ir aos pontos centrais. Foi assim quando estudou lingüística para lecionar na antiga FIDENE e depois, quando escreveu sua tese de doutoramento sobre humor político. Na ocasião, mesmo sem os “últimos” instrumentos teóricos, já disponíveis em alguns centros de pesquisa, deu-se conta da questão da pluralidade de vozes característica dos discursos. Mas, exatamente por causa de sua gana, não se contentou com a descoberta teórica e foi cutucar a onça da ideologia, questão que aparece ainda com mais força neste livro, já que, agora, o próprio tema é resultado daquele ethos. Ingo tem uma virtude importante, que às vezes falta no intelectual: vai ao ponto, mas lamenta o parco poder de intervenção. Ou seja, não se contenta com a descoberta, se ela não lhe permitir um investimento na mudança da realidade. Fica nervoso. Às vezes, dá a impressão de que gostaria de fazer tudo sozinho. Espero que o leitor concorde que, pelo menos, ele fez sua parte.

Conheci o Ingo assim que fui trabalhar em Ijuí, em 1972. Na primeira das reuniões de planejamento de começo de ano de que participei na então Fidene, perguntei ao Belato quem era aquele alemão. “O Ingo, um cara muito bom”, ele respondeu. Depois, disse que era professor de Lingüística, e talvez essa tenha sido a primeira vez que ouvi essa palavra, pelo menos em acepção não adjetiva.

Mas é claro que uma avaliação como essa importa pouco, apesar de o testemunho não ser de qualquer um. O que importa na minha relação com o Ingo começou a ocorrer alguns meses depois, e aos poucos. Os professores de Filosofia e os de Letras ocupavam a mesma sala, na qual havia uma mesa grande, em cuja volta trabalhávamos o dia todo (conversávamos muito sobre o que líamos). Ingo lecionava também em um Colégio da cidade, e por isso freqüentava a nossa sala apenas à tarde.

Um dia, vendo-me às voltas com a preparação de exercícios de lógica, perguntou o que era exatamente aquilo, a tal análise lógica das proposições. Disse que achava que a lógica não era a melhor perspectiva, e começou a falar de análises funcionais,

mencionando determinantes e determinados, conceitos de uma teoria que ele andara estudando em um curso de especialização de que participara nas férias, acho que em Santa Maria. Ou em Porto Alegre.

Mas isso também tem pouca importância, exceto pelo fato de que, pela primeira vez, e sem que isso tivesse causado em mim algum tipo de influência, eu ouvia falar de uma análise de enunciados (uso esse termo como um coringa) que não fosse a da gramática tradicional ou a da lógica.

O mais interessante começava a acontecer depois. Os professores de filosofia, por influência do Dinarte Belato, começamos a ler textos um tanto soltos – para nós –, mas que aos poucos iam fazendo sentido. Um texto do Derrida (*A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas*), por exemplo, fez furor e atingiu o Ingo no estômago. *A ordem do discurso*, de Michel Foucault, da qual fizemos uma tradução caseira para discutir com nossos alunos do ciclo básico, também deixou marcas profundas. O Ingo se sentiu, confessava, golpeado em suas (até então) sólidas convicções, um misto de estruturalismo e de funcionalismo (meio martiniano). Foi se tornando um rebelde, maldizia a metafísica ocidental (no que também ajudaram uns textos de Nietzsche) e a cientificidade sem história. Esses eram alguns dos tantos discursos bastante rebeldes, especialmente para quem dava aula com sargentos espíões na sala. E que o Ingo provocava, dando interpretações muito contextuais a esses textos em suas aulas.

Mas logo Ingo foi embora de Ijuí. Foi fazer história em Santa Cruz do Sul, onde, além de professor, foi dirigente universitário, agitando bastante a Instituição, pelo que sempre constou e como era de seu feitio. A seu convite, passei duas semanas na cidade, nem lembro mais em que ano, ministrando disciplina em um curso de especialização. Foram, de novo, muitas conversas sobre o que líamos e, especialmente, sobre o que fazíamos ou deveríamos fazer, sobre valores morais, políticos, sobre universidade etc. E um pouco de álcool, só um pouco, sempre à noite, e sempre depois de todos os trabalhos. Isso também fazia parte de nossa ideologia: antes de tudo, trabalhar!

Depois, perdi o Ingo de vista. Só sabia dele notícias esparsas. Davam conta de que fizera um mestrado, e depois, que fazia um doutorado, que tinha se afastado da vida urbana, vivendo como pescador no litoral de Santa Catarina. Lá foi de certa forma recuperado para a vida universitária (e para outras coisas da vida) pela Márcia, sua segunda esposa, e pelo Geraldini, que o incentivou a fazer um concurso em Maceió, logo

depois de defender sua tese de doutoramento, de cuja banca ele e o programa da PUC-RS me concederam o privilégio de participar.

Lembro-me de várias coisas dessa tese. Por exemplo, de sua teoria segundo a qual quanto mais uma piada fosse esticada, tanto melhor para seu desfecho inesperado, por causa da tensão que assim se criava, critério de que eu discordava, por sempre ter preferido piadinhas curtas. Lembro de ter celebrado sua originalidade e perspicácia, e recordei uma descrição da fonêmica do português do Brasil que ele fizera como trabalho de um curso de especialização, ainda quando estava em Ijuí, que praticamente coincidia com a de Mattoso (e não esqueço de sua cólera, quando contava que o professor não indicara a obra desse lingüista durante o curso).

Depois o revi em Maceió, em cuja casa fiquei durante uma semana, comendo, bebendo e conversando infinitamente. Foi quando conheci a Márcia. Compreendi então muitas coisas, e vi o Ingo cedendo numerosas vezes, e docemente, acho que pela primeira vez em sua vida. Depois, convivi com ele em Campinas, durante o ano de seu pós-doutorado, do qual quis que eu fosse o tutor. Foi desse trabalho que resultou o livro mencionado no começo deste depoimento. Ele me dava suas coisas para ler, claro, mas também é claro que não havia uma relação assimétrica. Ele sabia muito bem o que queria dizer, embora estivesse sempre aberto às discussões.

Quando foi morar em Curitiba, era para ir a sua casa que eu interrompia por uma noite minhas viagens anuais a Arroio Trinta. Era muito bom passar horas com Ingo e Márcia, e ouvir, enquanto ele cozinhava, os tópicos que estava desenvolvendo sobre linguagem jurídica, sua disciplina numa Universidade local, na qual ganhava seu pão – e também um pouco para investir em seu sítio, que ele fazia render: horta, açude com tilápias, galinhas, patos...

Depois, perdi o Ingo de novo. Ele sumiu. Fiquei sem seu endereço. Só reencontrei por acaso quando fui analisar um curso da Unisul, enviado pela Capes. Eterno cigano, estava trabalhando em Tubarão e morando em Laguna. Então me lembrei de uma conversa dele quando participamos, em Curitiba, de uma banca de dissertação orientada pelo Faraco: nas férias, tinha visto um terreno numa montanha, ao lado da praia, e estava pensando em vender tudo em Curitiba e mudar para Laguna. E o trabalho?, perguntei. Disse que podia viver de sua aposentadoria e que provavelmente apareceria alguma coisa para fazer, se precisasse mesmo. Cigano.

O Ingo foi um amigo especial. Brilhante. Firme (teimoso?) como poucos. Foi meio cigano. Nele conviviam um boa-vida e um trabalhador incansável (com os braços e com a cabeça).

Além de tudo, ele tinha um afeto especial pela Ana, que o conheceu como sua aluna no colegial, em Ijuí, e pelo Fernando, que, mesmo viajando com seus amigos, isto é, sem seus pais, parava na casa do Ingo em Curitiba para comer, conversar e dormir. O afeto era mútuo, claro, e muito intenso. No ano que passou em Campinas, foram muitas as reuniões das duas famílias, sempre muito agradáveis, cheias de trocas (de receitas, de idéias, de afeto, às vezes de broncas, como acontece muito com verdadeiros amigos). A presença da Márcia tornava essas reuniões super-especiais.

Ele não podia ter morrido (diabo de câncer!). A natureza faz muitas escolhas erradas.

Sinto falta dele, embora tenhamos estado longe um do outro muito tempo.

#### **NOTA**

- <sup>1</sup> Professor livre-docente (associado) no Departamento de Lingüística da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.